



## LIÇÃO 04

### A PRESCIÊNCIA DE DEUS<sup>1</sup>

Há duas coisas referentes à presciência de Deus que muitos ignoram: o significado do termo e o seu âmbito, seu escopo bíblico. Hoje em dia existem os que fazem mau uso do termo com o fim de negar a absoluta soberania de Deus na salvação dos pecadores. Assim como há os que repudiam a divina inspiração das Escrituras e a obra de Deus na criação, alguns mestres pseudobíblicos andam pervertendo a presciência de Deus com o fim de pôr de lado a Sua incondicional eleição para a vida eterna.

Quando se expõe o bendito tema da preordenação divina, e o da eterna escolha feita por Deus de algumas pessoas para serem amoldadas à imagem do Seu Filho, o diabo envia alguém para argumentar que a eleição se baseia na presciência de Deus, e esta presciência é interpretada no sentido de que Deus previu que alguns seriam mais dóceis que outros, que responderiam aos esforços do Espírito e que, visto que Deus sabia que eles creriam, por conseguinte, os predestinou para a salvação. Mas tal declaração é radicalmente errônea. Repudia a verdade da depravação total, ao defender que há algo bom em alguns homens. Tira a independência de Deus, pois faz com que Seus decretos se apoiem naquilo que Ele descobre na criatura. Dizer que Deus previu que certos pecadores creriam em Cristo e, por isso, os predestinou para a salvação, é o inverso da verdade. As Escrituras afirmam que Deus, em Sua soberania, escolheu alguns para serem recipientes de Seus distintos favores (At 13.48) e portanto, determinou conferir-lhes o dom da fé. A falsa teologia faz do conhecimento prévio que Deus tem da nossa fé a causa da eleição para a salvação, ao passo que *a eleição de Deus é a causa*, e a nossa fé em Cristo, o efeito.

Que quer dizer então "presciência"? "Conhecer de antemão", é a pronta resposta de muitos. Mas não devemos tirar conclusões precipitadas, nem tampouco apelar para o dicionário como o supremo tribunal de recursos, pois não se trata de uma questão de etimologia do termo empregado. O que importa é descobrir como a palavra é empregada na Bíblia. O emprego que o Espírito Santo faz de uma expressão sempre define seu significado e âmbito. Muitas pessoas presumem que já sabem o sentido de certa palavra empregada nas Escrituras, pelo que negligenciam provar as suas pressuposições por meio de uma concordância bíblica.

Por exemplo, tomemos as palavras "carne", "mundo" e "imortalidade". Seu significado parece tão óbvio, que muitos achariam perda de tempo examinar as suas várias significações nas Escrituras. Ocorre que para entendermos o que esses termos abrangem na Bíblia, temos que efetuar uma diligente comparação de cada passagem em que ocorrem e um estudo de cada contexto, separadamente. O dicionário da língua portuguesa não resolve, embora seja de alguma ajuda inicial.

Pois bem, isso se aplica com igual força aos termos "conhecer" e "pré-conhecer". A palavra "presciência" (pré-conhecimento) não se acha no AT. Mas "conhecer" (ou "saber") ocorre ali muitas vezes. Quando esse termo é empregado com referência a Deus, com frequência significa *considerar com favor*, denotando não mera cognição, mas sim afeição pelo objeto em vista. Leia cuidadosamente Ex 33.17; Dt 9.24; Jr 1.5; Os 8.4; Am 3.2. Nestas passagens, "conheci" significa *amei* ou *designei*. Semelhantemente, a palavra "conhecer" é empregada muitas vezes no NT no mesmo sentido do AT. Analise Mt 7.23; Jo 10.14; 1 Co 8.3; 2 Tm 2.19.

Pois bem, a palavra "presciência", como é empregada no NT, é menos ambígua que a sua forma simples, "conhecer". Se cada passagem em que ela ocorre for estudada, ver-se-á que em nenhuma vez se refere à percepção de eventos que ainda estão por acontecer. Presciência nunca é empregada nas Escrituras em relação a eventos ou ações; em lugar disso, sempre se refere a pessoas. Pessoas é que Deus declara que "de antemão conheceu" (pré-conheceu), não as ações dessas pessoas. Vejamos.

A primeira é At 2.23. Se for dada cuidadosa atenção à terminologia deste versículo, ver-se-á que o apóstolo não estava falando do conhecimento antecipado que Deus tinha do ato da crucificação, mas sim da Pessoa crucificada: "A este (Cristo) que vos foi entregue".

A segunda é Rm 8.29-30. Considere bem o pronome aí empregado. Não se refere a algo, mas a pessoas, que ele conheceu de antemão. O que se tem em vista não é a vontade ou a fé, mas as pessoas mesmas. Também em Rm 11.2 a clara referência é a pessoas, e somente a pessoas.

A última é em 1 Pe 1.2. Quem são os "eleitos segundo a presciência de Deus Pai"? O versículo anterior diz: a referência é aos "estrangeiros dispersos", isto é, os crentes da Diáspora. Portanto, aqui também a referência é a pessoas, e não aos seus atos previstos.

Ora, em vista destas passagens (e não há outras mais), que base bíblica há para alguém dizer que Deus "pré-conheceu" os atos de certas pessoas, a saber, o seu "arrependimento e fé" e que devido a esses atos Ele as elegeu para a salvação? A resposta é: absolutamente nenhuma. As Escrituras nunca falam de arrependimento e fé como tendo sido previstos ou pré-conhecidos por Deus. Na verdade, Ele sabia desde toda a eternidade que certas pessoas se arrependeriam e creriam; entretanto, não é a isto que as Escrituras se referem como objeto da presciência de Deus. Esta palavra se refere uniformemente ao pré-conhecimento de pessoas.

Outra coisa: as duas primeiras passagens acima citadas mostram com clareza que a presciência de Deus não é causativa; pelo contrário, alguma outra realidade está por trás dela e a precede, e essa realidade é o Seu decreto soberano. Cristo foi entregue pelo (1) determinado conselho e (2) presciência de Deus (At 2.23). Seu "conselho" ou decreto foi a base da Sua presciência. Assim também em Rm 8.29. Esse versículo começa com a palavra "pois", o que nos leva a examinar o que o precede imediatamente. E o que diz o versículo anterior? "... todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles... que são chamados por seu decreto". Assim é que a "presciência" de Deus baseia-se em seu decreto (cf. Sl 2.7).

Deus conhece de antemão o que será porque Ele decretou o que há de ser. Portanto, afirmar que Deus elege pessoas porque as pré-conhece é inverter a ordem das Escrituras. A verdade é esta: Ele as “pré-conhece” porque as elegeu. Isto retira da criatura a base ou causa da eleição, e a coloca na soberana vontade de Deus. Deus Se propôs elegeu certas pessoas, não por haver nelas ou por proceder delas alguma coisa boa, concretizada ou prevista, mas unicamente por Seu beneplácito. Quanto ao por que Ele escolheu os que escolheu, não sabemos, e só podemos dizer: “Sim, ó Pai, porque assim te aprouve” (Mt 11.26). A verdade clara em Rm 8.29 é que Deus, antes da fundação do mundo, elegeu certos pecadores e os destinou para a salvação (2 Ts 2.13). Isto se vê nas palavras finais do versículo: “... os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”. Deus não predestinou aqueles que dantes conheceu sabendo que eram conformes, mas, ao contrário, aqueles que Ele dantes conheceu (isto é, que Ele amou e elegeu), predestinou para serem conformes. A conformidade a Cristo não é a causa, mas o efeito da presciência e predestinação divina.

Deus não elegeu nenhum pecador porque previu que creria, pela razão simples de que nenhum pecador jamais crê enquanto Deus não lhe dá fé. A fé é dom de Deus (Ef 2.8-9), e crer é a consequência do uso deste Seu dom. Se fosse verdade que Deus elegeu alguns para serem salvos porque no devido tempo eles creriam, isso tornaria o ato de crer num ato meritório e, nesse caso, o pecador salvo teria motivo para gloriar-se, o que as Escrituras negam enfaticamente: Ef 2.9.

A Palavra de Deus é bastante clara ao ensinar que crer não é um ato meritório. Afirma ela que os cristãos vieram a crer “pela graça” (At 18.27). Se, pois, eles vieram a crer pela graça, absolutamente não há nada de meritório em crer, e, se não há nada de meritório nisso, não poderia ser o motivo ou causa que levou Deus a escolhê-los. Não; a escolha feita por Deus não procede de coisa nenhuma existente em nós, ou que de nós provenha, mas unicamente da Sua soberana boa vontade. A eleição mesma é “da graça” (Rm 11.5), e da graça é favor imerecido, coisa a que não tínhamos direito nenhum diante de Deus.

Vê-se, pois, como é importante termos ideias claras e bíblicas sobre a “presciência” de Deus. Os conceitos errôneos sobre ela, inevitavelmente levam a ideias que desonram em extremo a Deus. A noção popular da presciência divina é inteiramente inadequada. Deus não somente conheceu o fim desde o princípio, mas planejou, fixou, predestinou tudo desde o princípio. O propósito de Deus é o fundamento da Sua presciência. Se, pois, você é um cristão verdadeiro, é porque Deus o escolheu em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1.4), e o fez não porque previu que você creria, mas simplesmente porque Lhe agradou fazê-lo; você foi escolhido apesar da tua incredulidade natural. Sendo assim, toda a glória e louvor pertence a Deus somente. Você não tem base nenhuma para arrogar-se crédito algum. Você creu “pela graça” (At 18.27), e isso porque a tua própria eleição foi “da graça” (Rm 11.5).

---

<sup>i</sup> Fonte: PINK, A. W. *Os Atributos de Deus* (Editora Pes).